

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 4 - Número 7 - Julho a Dezembro de 2007

[início](#)

O EU NO UNIVERSO DISCURSIVO

Paulo Roberto Almeida
UNINCOR

ABSTRACT – Upon the perspective of subject/language relation concerning the aspect of subjectivity constitution, this paper intends to polemize and to enlarge the concept of authorship and to discuss the implications on the process of constitution of identity.

O objetivo deste trabalho está voltado para o estudo da relação sujeito/lingua(gem) na dimensão de manifestação de subjetividades, na perspectiva da constituição de subjetividades – posições de um sujeito-autor –, e para as implicações no processo de constituição identitária.

Ao pensar em constituição de identidades, penso no conceito de identidade como *posicionamentos* do sujeito (DAVIES & HARRÉ, 1990 *apud* CAVALCANTI, 2001, 53; IVANIC, 1997 e CLARK & IVANIC, 1997), segundo o qual a posição tomada pelo sujeito o levará a olhar o mundo através de uma determinada posição de acordo com imagens e conceitos específicos que são tornados relevantes dentro das práticas discursivas em que cada pessoa se engaja.

Concebendo, assim, o sujeito como um ser sócio-histórico que internaliza um sistema simbólico socialmente construído que fornece formas de perceber e organizar o real, mediador na relação entre homem e mundo; ser sócio-histórico constituído, mas também constituinte desse sistema simbólico, assumo, aqui, a noção de sujeito defendida por Geraldini (1993; 1996) e Possenti (1988; 1998; 1995): nem o sujeito “fonte dos sentidos”, “todo-poderoso”, nem o sujeito “assujeitado”, “inútil”, mas um sujeito histórico que manipula com e sobre a linguagem e que, ao construir um discurso a partir de outro, imprime sua marca individual a um já-dito.

É a partir dessa perspectiva teórica de sujeito que procuro atar o conceito de identidade: a identidade vista como manifestação de posicionamentos do eu (suas crenças, valores e interesses) diante do mundo social.

Considerando que os posicionamentos do eu refletem as manifestações de um sujeito histórico, inserido no mundo social, e que tais manifestações são construídas/constituídas dialogicamente pelos e nos discursos, numa relação com o Outro (outros sujeitos do universo social), materializados lingüisticamente em enunciados verbais (cf. BAKHTIN, 1992), entendo que os sujeitos, seres inacabados, completam-se/constituem-se nas falas do outro, mas

ao completarem-se/constituírem-se nas falas do outro, completam e constituem o outro através de suas falas. E é através da inserção/inscrição dessas falas (Outro-Eu/Eu-Outro) que entendo que o Eu constrói posições que o “diferenciam” e o singularizam interdiscursiva e intradiscursivamente, conforme depreendo das palavras de Bakhtin (1992):

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também, em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1992, 314)

A percepção gradativa de um movimento nesse percurso dialético – inter? intradiscursivo/intradiscursivo?interdiscursivo – mostra-nos o trabalho desenvolvido pelos sujeitos: as palavras são assimiladas interdiscursivamente, reestruturadas e modificadas intradiscursivamente pelos sujeitos; movimento este que denomino construções de posições.

Justifico esta minha posição a partir da concepção dialógica de linguagem (cf. BAKHTIN, 1992; 1995): o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, condição do sentido do discurso, que decorre de um processo de interação verbal que se estabelece entre um locutor e um interlocutor, sujeitos históricos e ideológicos, constituídos pela linguagem, mas também dela constituidores.

Alicerço-me ainda em Certeau (1990), Possenti (1988; 1995; 1998) e Geraldí (1993), que, embora “trabalhem” com diferentes “maneiras de fazer”, produzem uma concepção de sujeito como “trabalhador estrategista”: sujeito ativo, construtor social que, a partir do texto do outro, assume uma posição e a marca.

Conhecedor competente das regras e mecanismos do “jogo da linguagem” (Wittgenstein), o sujeito joga com o Outro, imiscui-se no texto do outro, trabalha, produz e visibiliza o seu texto; marca, assim, uma posição identitária num evento sociocomunicativo: sujeito-autor que manipula materiais lingüísticos para produzir efeitos de sentido (POSSENTI, 1998).

Em sua *intenção discursiva*, para a construção de seu enunciado, o sujeito seleciona as palavras e recursos lingüísticos à sua disposição, construídos sócio-historicamente por outras consciências e das quais ele é parte que ajudou a construir. Essa seleção é orientada pelos julgamentos de valor do sujeito voltados para um determinado tópico em jogo na atividade interacional, carregados de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções) e também pelo ouvinte para quem o discurso é dirigido, particularidade constitutiva do enunciado. Dirigido a esse interlocutor, pressupõe um enunciado resposta do outro, *um ato-resposta baseado em determinada compreensão*: assim, a expressão da posição do locutor implica, dialogicamente, a expressão de uma posição responsiva, isto é, a construção de um outro enunciado (texto) com as palavras carregadas de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções). E é o próprio Bakhtin quem afirma:

... cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. (BAKHTIN,

Com o intuito de polemizar e ampliar o conceito de autoria e as implicações no processo de constituição identitária, compartilho da posição assumida por Possenti (1995; 1998), em sua revisão da noção de sujeito, a partir de uma releitura de postulados da Análise do Discurso de linha francesa, em sua “3ª época” – a demonstração da heterogeneidade discursiva a partir da ênfase na presença do O/outro no discurso. Propõe o autor uma revisão da forma simplificada do tratamento dado à heterogeneidade e ao papel do O/outro no processo de constituição do sujeito e do sentido: a partir da categoria atividade, vê o sujeito em ação, em um “trabalho estratégico” em que “escreve a sua subjetividade”. Diante da concepção de **heterogeneidade mostrada** (cf. AUTHIER-REVUZ, 1990), propõe uma inversão – a ação do sujeito, detectada no discurso do O/outro, não pode ser disfarçada – tal trabalho do sujeito manifestaria, na verdade, uma **subjetividade mostrada**, inversão que, longe de ser uma simples mudança de nomenclatura, constitui uma quebra de paradigma na questão da constituição do sujeito.

E é com base nessa polarização e compartilhando dessa noção de **subjetividade mostrada**, defendida por Possenti, manifestada pela concepção de um “trabalho estratégico” do sujeito, cuja ação propicia a **desestabilização de enunciados estáveis** e produz um novo **acontecimento** (Pêcheux), que proponho a noção de uma **autoria constituída e mostrada** :

a) ao mesmo tempo em que é constituída pela alteridade, segundo a perspectiva dialógica bakhtiniana :

O próprio locutor como tal é em certo grau um respondente, pois não é o primeiro locutor que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência de enunciados, anteriores emanentes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles). (...) Cada enunciado então, é um elo da cadeia complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 1992, 291)

b) é também **mostrada**, pois no jogo da alteridade, na perspectiva bakhtiniana, constitutivo do discurso, ambos os interlocutores, sujeitos sócio-históricos, são participantes ativos no processo da interação verbal, ambos exercem posições responsivas ativas :

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Nesse caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual. (BAKHTIN, 1992, 313)

É, portanto, justamente essa brecha no pensamento bakhtiniano que me

possibilita sustentar esta minha proposição, numa perspectiva teórico-metodológica, na relação sujeito/língua(gem), na dimensão de práticas discursivas: a construção de posições subjetivas no processo discursivo, a constituição de uma posição identitária a partir da construção/constituição de uma posição de autoria nesse jogo dialético (construída/mostrada).

A “CONSTITUTIVIDADE” DE UMA AUTORIA

Assim, uma massa de elementos compostos - antigos e não tão antigos - convergiu para uma construção nova. Sobre um muro via-se um fragmento quase irreconhecível de um capitel ou o perfil semidestruído de um arco pontiagudo: mas o esboço do edifício era seu, de Menocchio
(Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*)

Na perspectiva de Certeau (1990, 40), os usuários produzem uma “bricolagem com e na cultura dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses e suas próprias regras”, em práticas que, segundo o autor, articulam um outro saber, ou seja, um saber da cultura popular. Essa cultura popular

se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma *ratio* popular, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar. (CERTEAU, 1990, 42)

Essa arte de combinar indissociável da arte de utilizar parece ser a referência do trabalho de bricolagem pelos sujeitos usuários da linguagem, que a manuseiam segundo seus interesses e regras, como se pode perceber no processo de tessitura do tecido textual, nas palavras de CEV:

Você tem uma bagagem, você está de frente com uma situação: tenho que fazer isso, tenho esse material e aquilo que eu já tenho de bagagem, você pega o que te deram de ferramenta nova e a bagagem que você tem, então você começa a trabalhar, começa a montar, começa a parar, a raciocinar... ah, isso aqui parece que não encaixa bem, então vamos tentar fazer uma outra ferramentinha que encaixa as duas, pra poder trabalhar melhor, pra transferir as idéias e vai montando. Você tem a sua idéia, as suas próprias conclusões, aí você recebe um texto que trabalhar. Dependendo do ambiente em que você tá vivendo, o ambiente em que tá vivendo a sociedade, a situação política do país, o assunto que tá no auge da mídia, então você tá vivendo um certo ambiente. Então tudo aquilo acaba influenciando você na hora de trabalhar as idéias, você acaba misturando tudo e vai trabalhar do jeito que fica bem claro e você vai tirando suas conclusões daquele mundo que você tá vivendo, entendeu? ¹

A perspectiva de um **fazer para** (“você está de frente com uma situação: tenho que fazer isso”) (im)põe-lhe a mobilização de mecanismos de seu arsenal cognitivo – **como fazer** (“começa a montar, começa a parar, a raciocinar...”) – num movimento de criação e reelaboração – **fazer com** (“ah, isso aqui parece

que não encaixa bem, então vamos tentar fazer uma outra ferramentinha que encaixa as duas, prá poder trabalhar melhor, pra transferi as idéias e vai montando”) –, numa arte de fazer que se processa em **consumos combinatórios e utilitários** .

Ensina Bakhtin que

compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto), no contexto contemporâneo, no contexto futuro. Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da **compreensão** ; o ponto de partida – o texto dado, para trás – os contextos passados, para frente – a presunção (e o início) do contexto futuro. (BAKHTIN, 1992, 404)

Nessa dimensão dialógica, observe-se o posicionamento assumido por CEV, em sua fala diante da cena enunciativa do “fazer textual”:

Interessante, você recebe idéias, compara com as suas e tem possibilidade de formar outras. Aí você vai criando um mundo, uma idéia; você vai aprendendo a formar as coisas e formar uma idéia completa (...) você vai trabalhando, pensando, aprende a raciocinar, você aba [sic] tendo que parar, refletir, então é uma coisa de análise, você vai tendo um crescimento próprio, acaba evoluindo.

Diante de **textos dados** , o **ponto de partida** – contextos passados: “Interessante, você recebe idéias, compara com as suas e tem possibilidade de formar outras”; o **contexto presumido de futuro** : “Aí você vai criando um mundo, uma idéia; você vai trabalhando, pensando, aprende a raciocinar, você acaba tendo que parar, refletir, então é uma coisa de análise”; o **dever** – o **contexto futuro** : o movimento a indiciar um posicionar-se, caminho para a constituição de uma identidade, a construção de autoria: “você vai aprendendo a formar as coisas e formar uma idéia completa (...); você vai tendo um crescimento próprio, acaba evoluindo”. Assim , armado com armadilhas e estratégias, faz o seu jogo, um jogo “diferente” no jogo do outro. O sujeito falante aqui mobilizado, aluno-trabalhador em atividade lingüística, na realização do jogo de produção textual-discursiva, usa e manipula estrategicamente recursos lingüísticos internalizados, construídos socialmente, a partir da compreensão dos signos lingüísticos de sua própria língua, ou conforme Bakhtin (1992, 301), “assimilando as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas”.

NOTA

1. Depoimento de aluno-trabalhador, curso Eletro-eletrônica, período noturno, da ETE Prof. Armando Bayeux da Silva, de Rio Claro-SP, em trabalho de leitura e produção de texto, a partir um diálogo intertextual com os textos “Primeiro de maio” (Chico Buarque de Holanda) e “João sem terra” (Cassiano Ricardo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, Unicamp, n. 19, 1990. p.25-42

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990.

CLARK, R. & IVANIC, R. *The politics of writing*. London : Routledge, 1997.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: ALB/Mercado de Letras, 1996.

IVANIC, R. *Writing an identity: the discorsal construction of identity in academic writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1997.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. *Alfa*, São Paulo, n. 39, 1995. p. 45-55.

POSSENTI, S. et al. Discurso do outro: lá onde o sujeito trabalha. *Alfa*, São Paulo, n. 42, 1998. p.113-131.